

COMO
CONVERSAR
COM

HOMENS

SOBRE
VIOLÊNCIA
CONTRA AS

MULHERES

UMA PRODUÇÃO

INSTITUTO
AVON

Papo de Homem
12 ANOS

INSTITUTO PDH

A SEGUNDA PARTE DA
COLEÇÃO "DERRUBANDO MUROS
E CONSTRUINDO PONTES"

Sumário

Editorial	04
Metodologia	06
Como usar esse livro e os vídeos associados?	08
Origens: a história dos grupos reflexivos no Brasil	10
A percepção dos homens sobre o problema	14
Sobre quais temas as pessoas mais gostariam de receber vídeos e conteúdos de apoio para ajudar em diálogos difíceis?	18
Quais os principais obstáculos ao conversar sobre violência contra as mulheres com pessoas resistentes ou indiferentes ao tema?	20
Como conversar sobre violência de gênero com quem comete e quem sofre abuso?	25
Alguns possíveis sinais para identificar situações de violência e/ou abuso em mulheres	26
Conheça o Ciclo da Violência	28
Como conversar com quem sofre o abuso?	30
Como conversar com quem comete o abuso	34
Não sou um homem que comete ou cometeu violências contra mulheres. Como posso apoiar a luta pelo fim da violência contra elas?	36
Superando a hesitação em ter essa conversa difícil	38
Mapeamento nacional de grupos reflexivos	40
Como criar um grupo reflexivo com homens para conversar sobre violência contra as mulheres?	46
Links e sugestões de aprimoramento	50
Equipe envolvida no projeto	51

Editorial



Mafoane Odara

GERENTE DO INSTITUTO AVON

AS MULHERES, em especial, aquelas que têm dedicado à sua vida a construir um mundo mais justo, seguro e com oportunidades iguais para todas, foram fundamentais para mostrar a relevância e a necessidade de dialogar com homens sobre as violências contra as mulheres e meninas.

Nos últimos 20 anos surgiram inúmeras iniciativas nesse sentido, como veremos a seguir. Por exemplo, em 2014, a ONU lançou uma campanha chamada “He For She” — em português, Eles por Elas —, encorajando os homens a tomarem iniciativas e medidas práticas contra a desigualdade de gênero.

MAS COMO CONVERSAR COM OS HOMENS E ENGAJÁ-LOS NO TEMA?

Ainda é um desafio estabelecer um diálogo produtivo com muitos deles porque estes argumentam que lei de proteção às mulheres é privilégio; desconfiam de e reagem mal ao termo igualdade; relativizam abuso de maridos com suas esposas quando elas se recusam a fazer sexo.

Da observação das conversas online, percebemos que há palavras e locuções que são “gatilhos negativos”. Isto é, que, quando usadas em



um argumento, tendem a diminuir rapidamente as chances de se manter o diálogo em um nível produtivo, porque atraem muita contestação, raiva e agressão. Estes gatilhos são: gênero, ideologia de gênero; igualdade, igualdade entre homens e mulheres, igualdade de gêneros; feminismo, feminista; machismo, machista; e também questões sobre o que é assédio (todas as variações e derivações). Evitar os gatilhos negativos não significa que vai haver um diálogo produtivo com eles, mas reduz as chances de encerrar a conversa prematuramente.

Acreditamos que o principal caminho para uma mudança de atitudes é o diálogo. Segundo a nossa pesquisa [“As vozes nas redes: o que elas podem fazer pelo enfrentamento das violências contra as mulheres”](#), publicada em 2017, um terço dos homens afirmam que deixaram de praticar algum tipo de atitude violenta contra a mulher nos últimos tempos. E para metade deles, **o principal motivo para essa mudança foi ter uma conversa pessoal com pessoas próximas**, sendo que 35% foram influenciados por algum amigo ou parente homem e 22% por mulheres.

Para haver mudança, é preciso que os homens participem das conversas. Se a conversa não puder ser deles com elas neste momento, ao menos deve ser entre eles. Evitar os gatilhos negativos, dos quais já falamos anteriormente, não basta. Mas homens respeitam e ouvem outros homens, são sensíveis a opinião de outros homens, especialmente outros “parças”. Conversam entre si em tom muito próprio. Tendem a mostrar uma certa indiferença cínica com argumentos de natureza moral, como se viu, mas se mostram particularmente sensíveis a outros estímulos.

Essa publicação faz parte da plataforma *“Construindo pontes e derrubando muros”* e traz reflexões que acreditamos serem úteis no diálogo construtivo sobre violência de gênero com quem ainda é resistente ou indiferente ao tema, em especial os homens. Que inspire boas conexões!



Metodologia

Esse trabalho envolveu etapas distintas de pesquisa e imersão — quali e quantitativamente — para construirmos o livro em suas mãos e os vídeos sobre violência contra as mulheres. Instituto Avon, PapodeHomem / Instituto PdH e Quebrando o Tabu se uniram para (tentar) resolver um desafio complicado:

ajudar as pessoas a terem mais diálogos construtivos sobre violência de gênero com quem ainda é resistente ou indiferente ao tema. Em especial, homens.

PARA SOLUCIONAR ESSE PROBLEMA, PASSAMOS PELAS SEGUINTE ETAPAS:

ETAPA 1

Articulando rede estratégica com ativistas referência no assunto

Buscamos ativistas que já lideram grupos reflexivos com homens autores de violência para aprendermos com eles qual material em vídeo seria mais eficaz produzirmos para ajudar no diálogo com pessoas indiferentes ou resistentes ao tema.

ETAPA 2

Sonhando os vídeos coletivamente

Realizamos um workshop presencial de aprofundamento com pessoas com pontos de vista distintos sobre o tema violência de gênero, para entender os principais obstáculos nessas conversas.

ETAPA 3

Escutando a rede e convocando aliados, em escala

Abrimos uma breve pesquisa online, por meio da qual escutamos mais de 3.500 pessoas, para entender, dentre outras coisas, quais temas de vídeos elas mais gostariam de ver sendo produzidos por nós. E pedimos a elas para deixarem o contato, caso desejassem receber e divulgar os vídeos no lançamento.



Usamos os insumos gerados nessas etapas para produzir os vídeos e esse guia, assim como nutrir uma rede de apoio pronta para usar o conteúdo resultante — contando com parceiros estratégicos como grupos reflexivos com homens autores de violência, escolas e órgãos públicos.

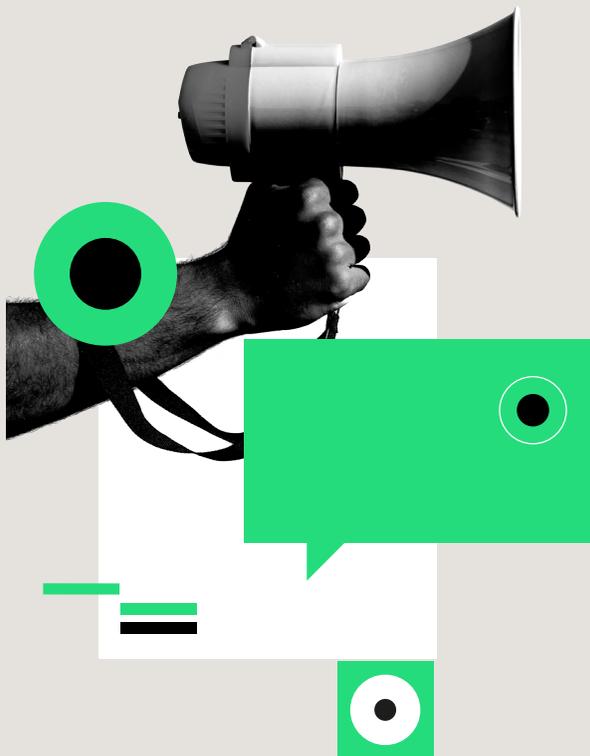


Por fim, optamos por deixar todo o material disponível para ser baixado em:

***papodehomem.com.br/
sem-violencia***



Esse é um trabalho feito com amor! QUE INSPIRE BOAS SEMENTES.



**Como usar esse livro e
os vídeos associados?**

COMO UMA FERRAMENTA.

Leia, discuta em rodas ou em duplas.
Coloque o conhecimento adquirido em ação.
Compartilhe para inspirar outras pessoas.
Entre em contato conosco para escutarmos
suas críticas, sugestões e elogios.

SEGUNDO DADOS COMPILADOS

no **Dossiê Violência contra as Mulheres**,
elaborado pelo Instituto Patrícia Galvão, acontecem:

179

relatos de agressão por dia na Central
de Atendimento à Mulher do **Ligue 180**

5

ESPANCAMENTOS
a cada **2 MIN.**

1

ESTUPRO
a cada **11 MIN.**

1

FEMINÍCIO
a cada **90 MIN.**

ISSO PRECISA ACABAR.

Nossa motivação com esse pequeno livro é combatermos visões nocivas e comportamentos que estão na raiz da violência contra as mulheres. Incluindo aqui violência intrafamiliar e violência doméstica. Em todos esses contextos, elas são as principais vítimas.

"Apenas no caso da violência contra crianças as mulheres são as autoras na maioria das vezes. Mas, mesmo nesses casos, os homens produzem maior dano." — explica Carlos Zuma, **em sua monografia sobre violência intrafamiliar**. Sabemos também que homens podem ser vítimas de violência, em especial os meninos — e não propomos invisibilizar essa questão, pois o próprio fim da violência passa por compreendermos esse fenômeno de maneira ampla. Entretanto, o presente material está sendo lançado no contexto dos **21 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres** e, portanto, tem esse enfoque.

Estamos dando continuidade à plataforma "Construindo pontes e derrubando muros: como conversar com quem pensa muito diferente de nós?", lançada em março de 2019. Em nossa primeira pesquisa mapeamos os obstáculos e emoções mais comuns em interações com temática de gênero, assim como dicas práticas para dialogar de maneira saudável e construtiva com quem pensa diferente de você. É um guia de sobrevivência baseado em dados de amplitude nacional, também útil para festas de Natal e encontros de família.

POR ISSO SUGERIMOS FORTEMENTE:



Baixar o livro
"Como conversar
com quem pensa
muito diferente de nós?":

papodehomem.com.br/pontes



Baixar todo
o material
associado a esse
novo projeto em:
papodehomem.com.br/sem-violencia

Origens: a história dos grupos reflexivos no Brasil



536

mulheres são vítimas de agressão física a cada hora*

70% DAS AGRESSÕES contra mulheres ocorrem dentro de casa *

65% DOS AUTORES de violência contra as mulheres são os próprios parceiros ou ex *



O ANO É 2019 e os números, cuja fonte é o próprio Governo Brasileiro, assustam. A questão — que deve ser vista como um caso gravíssimo de saúde pública — tem levantado discussões sobre as estratégias de enfrentamento mais certeiras para erradicar o problema. Até a década de 90, os esforços se concentravam na atenção à mulher agredida.

Eram ações, segundo Adriano Beiras, professor do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e colaborador do Instituto Noos, que visavam incentivar denúncias e fomentar experiências de prevenção:

“Essas iniciativas se pautavam na perspectiva de gênero, chamando atenção para as consequências psicossociais, de saúde, econômicas e políticas desse tipo de violência, constituindo-se em uma pauta importante do movimento de mulheres e feminista.”

Foi na virada do milênio que Flavio Urna teve contato, pela primeira vez, com um grupo misto de mulheres e homens que se reuniram, na cidade de Santo André, no estado de São Paulo, para refletir sobre violência de gênero. O psicólogo e sociólogo faz parte de um time de homens que perceberam que era preciso — e urgente — aproximar o lado masculino da discussão. Foi no mesmo ano que seis ONGs se uniram para trazer ao país a campanha Laço Branco — homens pelo fim da violência contra mulheres. Urna trabalhava, à época, no Centro de Educação para a Saúde (CES) junto com outro importante nome desse movimento, Sérgio Barbosa, professor de Filosofia e Sociologia e também coordenador do projeto Tempo de Despertar.

Em 2003, novo passo importante para que homens também se incluíssem na discussão: no Rio de Janeiro, o Instituto Noos começava a implementar seus grupos reflexivos de homens. Urra, estava lá, acompanhando in loco a metodologia aplicada e testemunhou a possibilidade de transformação que brotava nos encontros. Voltou inspirado para fazer algo semelhante em São Paulo:

“Achei fantástica a experiência e regressei com a ideia de aplicar também em Santo André. Criamos, junto à Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres, o primeiro grupo reflexivo do estado que reunia homens autores de violência contra mulheres.”

Apesar das iniciativas pioneiras, o ponto de virada do enfrentamento à violência de gênero como política pública aconteceu, mesmo, em 2006, com a Lei Maria da Penha prevendo a participação de homens autores de violência em programas de atenção. Ainda que partindo de uma lógica punitiva, Adriano Beiras pontua a importância da definição legal dos grupos reflexivos:

“Cada vez mais é visível um consenso de que é fundamental intervir em homens autores de violência contra mulheres, à parte dos serviços já dedicados às vítimas. Dada a complexidade da temática, é necessário atuar em diferentes frentes, de forma a contemplar todos os envolvidos/as.”



Desde 2006, ações semelhantes — ora ligadas ao estado, ora originárias do setor privado — têm ganhado as cinco regiões brasileiras. Por acreditar na potência das metodologias reflexivas, mapeamos, nesta publicação, grupos de norte a sul do país. Também fomos além, há um capítulo dedicados àquelas e àqueles que quiserem criar suas próprias iniciativas.

Ainda há muito a ser feito, mas acreditamos no poder de, coletivamente, derrubarmos muros e construirmos pontes. E como nenhuma história se escreve sozinha, nesta jornada, algumas instituições e suas pessoas abriram, inicialmente, o caminho: o Instituto Albam, em Minas Gerais; o Coletivo Feminista, em São Paulo; o trabalho do CREAS de Blumenau, em Santa Catarina e o próprio Instituto NOOS, que atua desde a década de 90 e que é parte importante, ainda hoje, dos movimentos estratégicos de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.

“A principal conquista desse movimento é o reconhecimento da relevância e da necessidade de trabalhos com homens autores de violência de gênero. Originalmente, este tema era tratado com desconfiança dado o risco de converter a violência de gênero em uma questão exclusivamente psicoterapêutica e desresponsabilizante. Hoje, percebe-se que o trabalho com homens autores de violência produz deslocamentos importantes e mudanças necessárias não apenas na conduta dos homens, mas do próprio aparelho jurídico.”

BENEDITO MEDRADO, PSICÓLOGO E COFUNDADOR DO NÚCLEO FEMINISTA DE PESQUISAS SOBRE GÊNERO E MASCULINIDADES (GEMA)

A percepção dos homens sobre o problema





Muitos homens jovens ainda acreditam que há justificativa para violência e que as mulheres devem obedecê-los

Segundo o estudo "Violência contra a mulher: o jovem está ligado?", realizado por Data Popular/Instituto Avon em 2014:



85%

dos homens consideram inaceitável que suas parceiras fiquem muito alcoolizadas



69%

não concordam que elas saiam com amigos homens sem sua companhia



46%

consideram inaceitável que suas companheiras usem roupas justas e decotadas



29%

deles apontam que "o homem só bate porque a mulher provoca"



Para

23%

dos homens, "tem mulher que só para de falar se levar um tapa"



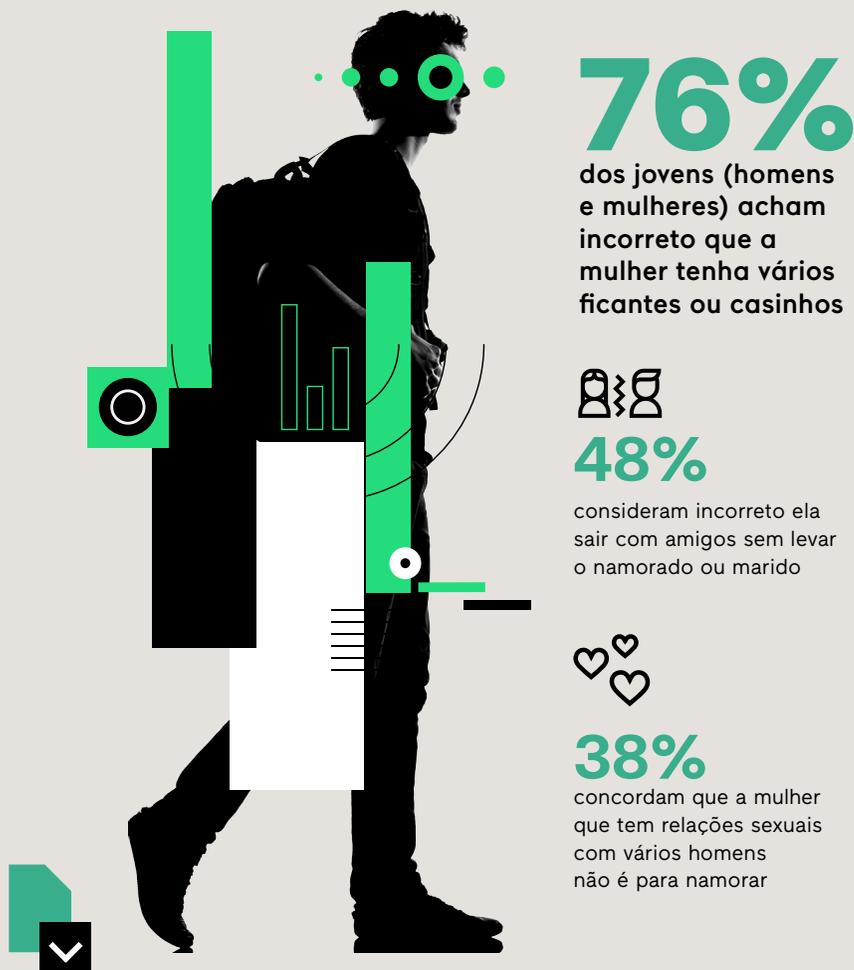
Para

12%

"se a mulher trair o marido, ele tem razão em bater nela"

Os jovens brasileiros reconhecem que existe machismo no Brasil, mas a maior parte ainda aprova valores machistas

Veja a percepção deles — também de acordo com o estudo "Violência contra a mulher: o jovem está ligado?", realizado por Data Popular/Instituto Avon em 2014:



Recomendamos o aprofundamento no [estudo completo](#), está bastante rico.



Indo mais fundo na percepção dos homens sobre o problema

A pesquisa "O papel dos homens na desconstrução do machismo", realizada pelo Instituto Avon / Locomotiva em 2016, nos trouxe os seguintes aprendizados.

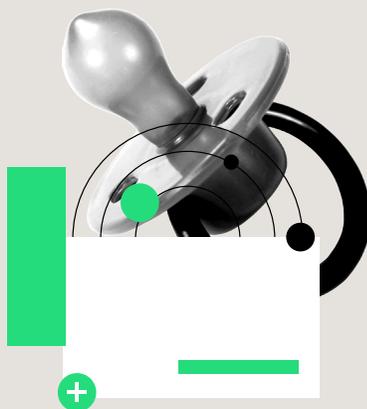
Para a maioria deles, ensinar os filhos a respeitar as mulheres é a principal forma de contribuir contra o machismo.

85%

dos homens concordam que todo pai deve educar o filho para que ele seja menos machista

43%

afirmam que em um grupo de homens no WhatsApp, pega mal reclamar porque o amigo compartilhou foto de mulheres nuas



48%

dos homens declaram ser desagradável ou humilhante o homem cuidar da casa enquanto a mulher trabalha fora



47%

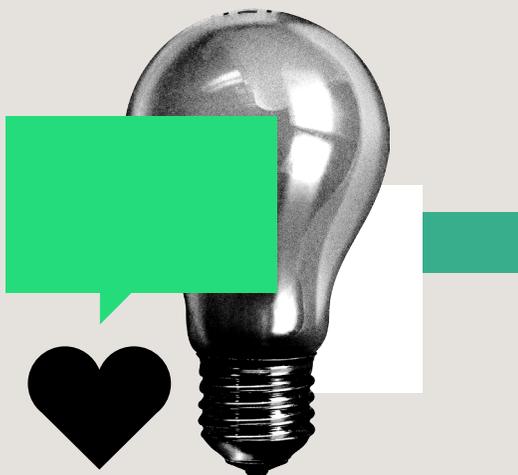
dos homens e 32% das mulheres afirmam que não deixariam o filho brincar de boneca de jeito nenhum, porque boneca é brinquedo de menina



35%

afirmam que cabe aos homens, no máximo "ajudar" a mulher a cuidar da casa e dos filhos

Segundo a pesquisa, o principal caminho para uma mudança de atitudes é o diálogo: 34% dos homens afirmam que deixaram de praticar algum tipo de atitude violenta contra a mulher nos últimos tempos. Para 54%, **o principal motivo para essa mudança foi ter uma conversa pessoal com pessoas próximas**, sendo que 35% foram influenciados por algum amigo ou parente homem e 22% por mulheres. **A mudança está acontecendo, mas o caminho ainda é longo.**



**Sobre quais temas
as pessoas mais
gostariam de receber
vídeos e conteúdos de
apoio para ajudar em
diálogos difíceis?**



Aspiramos que esses números possam inspirar as produções de coletivos, órgãos públicos, escolas, empresas e institutos pelo país.

Resultados com base em enquete respondida por 3.500 pessoas via internet, em novembro de 2019:

42,5%	CONSENTIMENTO: o que é e como não ultrapassar essa linha
35,5%	VIOLÊNCIA EM CASA: de que maneira isso impacta o futuro de nossos filhos e filhas?
34,7%	“MAS AS MULHERES JÁ TÊM OS MESMOS DIREITOS”: evolução histórica e porque ainda falta muito para as mulheres conquistarem os mesmos direitos que os homens
30,9%	“FOI SÓ UM ELOGIO”: por que elogios, assobios e cantadas podem ser tão prejudiciais?
27,1%	DIVISÃO DE TAREFAS: existe coisa de homem e coisa de mulher?
26,4%	“CONHEÇO UMA MULHER QUE ESTÁ SENDO AGREDIDA”: listamos caminhos e ações práticas para você ajudá-la
25,8%	RESPONSABILIZAÇÃO: por que é essencial para que a mudança dos homens aconteça
24,2%	TRAIÇÃO, CIÚMES E SEPARAÇÃO: como lidar emocionalmente, sem violência?
24,1%	CICLO DA VIOLÊNCIA: por que um xingamento pode levar a violências físicas bem piores
20,1%	ESTUPRO E ASSÉDIO: qual a definição de cada um pela lei e por que os dois são tão nocivos?
17,4%	LEI MARIA DA PENHA: você sabe por que ela existe, como funciona e de que forma é fundamental?
17,2%	AS VIOLÊNCIAS COMETIDAS E SOFRIDAS PELOS HOMENS: é possível viver de outro modo?
11,1%	“CONHEÇO UM HOMEM QUE COMETEU UMA AGRSSÃO”: listamos caminhos e ações práticas para você ajudá-lo a se transformar
3,4%	AGRESSÃO E A LEI: um vídeo para você entender de uma vez por todas os crimes contra mulheres previstos em lei:



**Quais os principais
obstáculos ao conversar
sobre violência contra
as mulheres com
pessoas resistentes ou
indiferentes ao tema?**



Resultados com base em enquete respondida por 3.500 pessoas, divulgada por meio das bases de leitoras e leitores do PapodeHomem, em novembro de 2019:

56,2%

Ao escutar certos termos, como gênero, feminismo ou machismo, a outra pessoa já para de escutar e fica muito defensiva

43,5%

Sinto falta de conteúdos didáticos e envolventes, que expliquem temas difíceis de maneira clara

40,8%

Não acho que a pessoa vai prestar atenção do que tenho pra falar sobre isso — seja digital ou presencialmente

35,4%

Raramente surge um diálogo construtivo após compartilhar esses conteúdos

24,2%

Se eu entrar nesse assunto com quem está resistente posso perder a paciência e acabar brigando

22,7%

Costumo ser ignorada (o)

11,9%

Não quero ficar com fama de pessoa chata ou implicante

5,9%

Prefiro nem compartilhar esse tipo de conteúdo com amigos ou pessoas da família, pra não acabar perdendo a relação

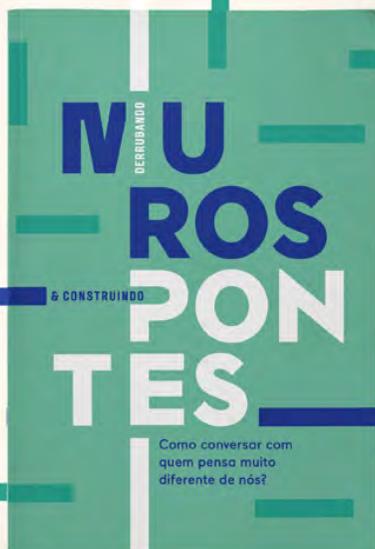
UM MANUAL PARA SUPERAR ESSES OBSTÁCULOS

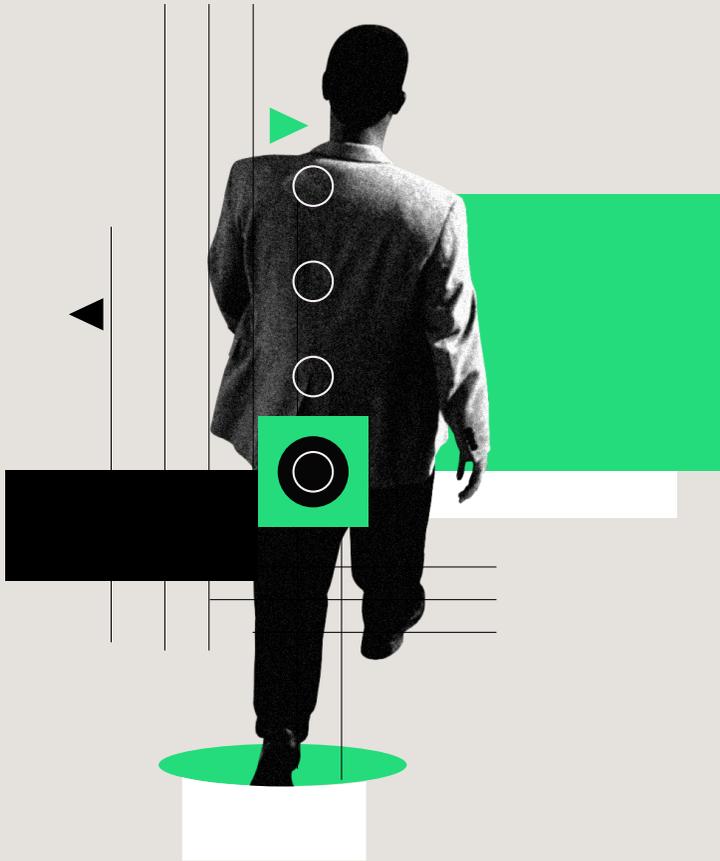
Em março desse ano publicamos um guia prático ensinando como superar os obstáculos mais comuns ao conversar com quem pensa muito diferente de você sobre temas de gênero.

É um material precioso — e que pode salvar suas festas de natal e almoços de domingo em família, também.



Baixe aqui papodehomem.com.br/pontes

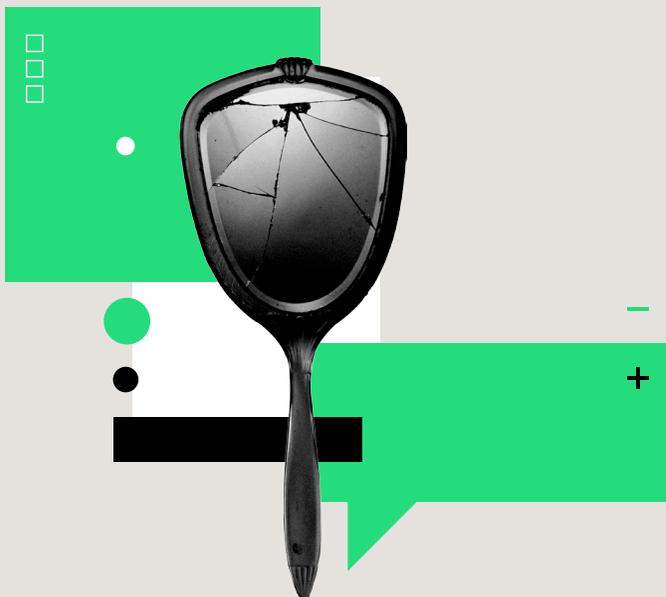






Como conversar sobre violência de gênero com quem comete e quem sofre abuso?

Para poder conversar sobre violência — seja intrafamiliar, doméstica, em ambientes de trabalho ou públicos — é primeiro ser capaz de identificar essas situações e ter algum conhecimento do ciclo da violência.



**Alguns possíveis sinais
para identificar situações
de violência e/ou
abuso em mulheres**



Essencial levar em conta que esses sinais são apenas possibilidades. A pessoa apresentar um ou mais deles não quer dizer, necessariamente, que há uma situação de violência doméstica. Não podemos fazer leituras simplistas.

Caso esteja em dúvida, use o trecho a seguir de nosso material para conversar com a pessoa a respeito, de maneira não-julgadora, para tentar entender se há uma situação de abuso em curso ou não.

- **PARECER ANSIOSA** demais para agradar o(a) parceiro(a), com medo de fazer algo errado

- **SE MOSTRAR CONCORDANDO EXCESSIVAMENTE** com tudo que o(a) parceiro(a) fala ou propõe

- **FICAR REPORTANDO** o que faz, com quem e onde está todo o tempo

- **RECEBER LIGAÇÕES AGRESSIVAS** do(a) parceiro(a) com frequência

- **TER ACESSO LIMITADO** a dinheiro ou cartões de crédito, por seu(sua) parceiro(a)

- **TER SEUS GASTOS** financeiros monitorados

- **DEMONSTRAR PREOCUPAÇÃO EXCESSIVA** com a opinião do(a) parceiro(a) sobre gastos simples do cotidiano

- **SE AUSENTAR** frequentemente do trabalho / escola e de compromissos sociais, sem explicações aparentes

- **USAR ROUPAS** que parecem não fazer sentido para a ocasião, como manga comprida ou gola rolê num dia quente, para esconder marcas

- **APRESENTAR ROXOS** e marcas corporais físicas estranhas, que indiquem agressão

- **APRESENTAR OBJETOS OU MÓVEIS** quebrados em casa sem explicação aparente

- **DEMONSTRAR BAIXA AUTOESTIMA** súbita, mesmo que seja alguém que costume ser confiante

- **TER MUDANÇAS** significativas de personalidade — por ex, uma pessoa extrovertida pode começar a se comportar sempre de modo bem fechado e isolado

- **DEMONSTRAR SINAIS DE DEPRESSÃO**, transtorno de ansiedade ou pensamentos suicidas

Conheça o Ciclo da Violência

O termo “Ciclo da Violência” foi cunhado em 1979 pela psicóloga norte-americana Lenore Walker. A imagem a seguir explica bem as 3 fases mais comuns. Nenhuma relação começa direto nas explosões de violência. Podem se passar meses ou anos até a primeira acontecer. O perigo cresce quando se instala um padrão e os intervalos de tempo entre novas violências começam a diminuir, assim como a intensidade das agressões aumenta.





“Nenhuma mulher escolhe o ‘pior companheiro’. Elas escolhem aquele parceiro com o qual imaginam que vão construir uma vida. O fato de esse companheiro não ser uma pessoa má o tempo todo faz com que ela acredite que o comportamento agressivo pode mudar.

O que vai acontecendo na violência doméstica é que o parceiro agressor vai usando esse investimento contra a própria mulher, ele vai jogando com esse afeto, buscando obter o controle. Ele faz aquilo que chamamos de ‘morde e assopra’, o que causa um sentimento de confusão nas mulheres, de dependência, de não saber mais se a culpa é dela, se é ela que está provocando, se ela fez alguma coisa errada. Esse é o terreno propício para se instalar o ciclo da violência.”

Como conversar com quem sofre o abuso?

Nossas sugestões valem para homens e mulheres, pois consideramos também as relações amorosas homoafetivas, não apenas as heterossexuais. Mas entendemos que há especificidades e diferenças também. Aqui citaremos dicas que entendemos como úteis para ambos.



1.

EXPRESSANDO SEU APOIO DE FORMA NÃO-JULGADORA

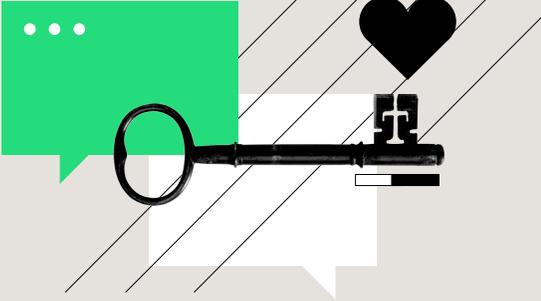
A mensagem principal a ser transmitida é: a pessoa não está sozinha.

→ *"Sei que é difícil falar sobre isso, mas você pode conversar comigo sobre qualquer coisa. O que está acontecendo?"*

→ *"Você não está sozinha(o). Eu me preocupo com você e estou aqui pro que precisar."*

→ *"O que está acontecendo não é culpa sua."*

→ *"Não importa o que tenha feito, você não merece isso, vocês não merecem viver uma relação assim."*



2.

SENDO SINCERO(A) SOBRE SUA PREOCUPAÇÃO COM SEGURANÇA

- *“Eu notei o que está acontecendo e quero ajudar. Como posso fazer isso?”*
- *“Você não merece ser tratada(o) assim. Bons parceiros(as) não agem desse modo e não dizem coisas assim.”*
- *“Estou preocupado(a) com sua segurança e com que possa se machucar de verdade na próxima vez.”*

3.

EVITANDO CONFRONTO E SE MOSTRANDO DISPONÍVEL

Se a pessoa não estiver pronta, não force a conversa. Reconheça o melhor momento para o diálogo.

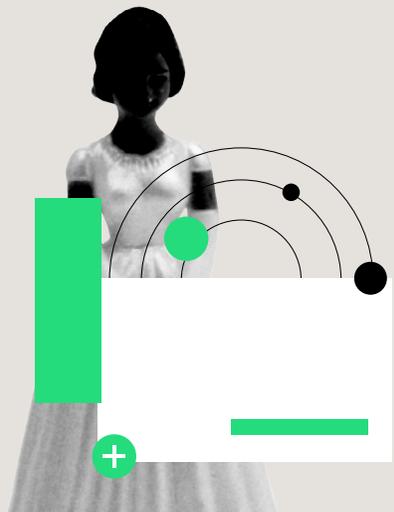
- *“Estou aqui pra ajudar e sempre disponível, mesmo que prefira não conversar agora.”*
- *“Lembre que você não está sozinha(a) — estou aqui pra quando precisar.”*

4.

ABRA ESPAÇO PARA QUE A PESSOA TOMA SUAS PRÓPRIAS DECISÕES

Evite condenar e criticar a capacidade da outra pessoa em tomar decisões, isso pode fazer com que ela passe a esconder de você o que acontece. Foque no encorajamento de melhores decisões futuras.

- *“Quero ajudar. O que posso fazer pra te apoiar?”*
- *“Como posso ajudar a te deixar segura(o)?”*





5.

AJUDAR A PESSOA A ESTRUTURAR UMA REDE DE APOIO

Comece estando disponível. Pergunte quais são pessoas próximas de confiança (amigos, familiares...) cujo apoio ela também aceitaria. A ajuda pode ser acolhimento e escuta, financeira, jurídica, logística... Muitas vezes, basta estar lá e não desistir da pessoa enfrentando situação de violência, mesmo que você não consiga entender porque ela ainda não desistiu do relacionamento violento e fique impaciente em certos momentos. Vergonha, sentimento de culpa e solidão podem tornar o ciclo da violência ainda mais perigoso e difícil de escapar do que imaginamos.

→ *"Que tal pensarmos juntas(os) em uma rede de apoio para estar a seu lado para o que precisar e te ajudar a sair dessa situação?"*

6.

OFEREÇA CAMINHOS PARA A PESSOA OBTER AJUDA PROFISSIONAL

Encoraje a mulher a ligar para o número 180, da Central de Atendimento à Mulher, para denunciar e/ou buscar orientações de como proceder em situações de violência. Caso a vítima seja um homem, ele pode também buscar as vias legais, delegacias e um advogado.

→ *"Que tal montarmos um plano do que fazer caso a situação comece a piorar, apenas por precaução?"*

→ *"Se você precisar de apoio para ir à polícia ou buscar advogados, conte comigo. Tudo bem?"*

→ *"Já considerou buscar ajuda terapêutica e/ou espaços de acolhimento? Posso te ajudar a encontrar boas opções."*





Como ajudar uma pessoa a montar um plano emergencial para situações de violência?

Montar um plano apenas para casos emergenciais pode ajudar a vítima a ser conta da gravidade da situação, pois ela vai ter que conversar e refletir em mais detalhes a respeito. Na prática, o plano significa:



Ter uma(ou mais) pessoa(s) de confiança da situação atual, pois sair desse problema estando sozinho é ainda mais difícil



Saber para quem pode ligar, seja qual for o horário do dia ou da noite



Saber onde é o posto policial mais próximo e qual o número direto deles



Ter um sino ou apito mantido por perto, que possa ser usado pra fazer barulho rapidamente



Ter certeza de que não há armas de fogo na casa (caso haja e as violências estejam acontecendo, é um sinal de alto risco)



Ter apoio jurídico, contando com um(a) advogado(a) com experiência em casos de violência doméstica e que apoie a luta das mulheres



Ter apoio psicológico



Ter conhecimento de seus direitos e proteções garantidas pela lei maria da penha



Ter um vizinha(o) de confiança, que possa dar apoio em casos extremos



Ler artigos e livros a respeito, assim como assistir a vídeos que ajudem a lidar com a situação — uma busca no google e no youtube pode ajudar

→ Sinais de abuso e dicas de como conversar à respeito traduzidas e adaptadas com base nos materiais públicos do projeto "Purple Purse", da Allstate Foundation, e também nos guias produzidos pelo governo da província de Nova Escócia (Canadá), no contexto do combate à violência doméstica.

FONTES

<https://bit.ly/34Al1pZ>

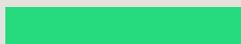
<https://bit.ly/37MHIKK>

Como conversar com quem comete o abuso



Muitas vezes acontece uma naturalização da violência na vida dos homens, que faz com que passem a considerar atos violentos “coisas normais”. Exigir dirigir mesmo estando bêbado, gritar ou xingar em discussões, quebrar coisas, se recusar a sair de casa a não ser que ela troque de roupa, acessar o celular dela sem autorização, dizer que ela não tem valor ou que nunca vai achar alguém como você... tudo isso são atos de violência, em diferentes níveis. É preciso que homens tomem consciência e se responsabilizem por dar fim a essas posturas, começando consigo próprios.

Por isso, conversar com um homem que está sendo abusivo é uma parte importante e delicada na prevenção da violência contra as mulheres. Isso precisa ser feito com cuidado.





Aqui sugerimos algumas dicas, sem a pretensão de que sejam uma fórmula aplicável a toda situação. Esses pontos também podem ser úteis em relações homoafetivas nas quais há uma situação de violência.



ESCOLHA O MOMENTO E LOCAL ADEQUADO.

Conversas um a um e sem pressa podem ser mais eficazes. Caso seja uma situação de alto risco é melhor ter alguém junto de você.

BUSQUE CONVERSAR QUANDO ELE ESTIVER CALMO,

sóbrio e sem armas ou objetos perigosos por perto.

REFORCE SUA

PREOCUPAÇÃO com o bem estar da companheira / da relação / da família.

DIGA QUE A VIOLÊNCIA — seja física, psicológica, financeira... — precisa parar

LEMBRE-O

de que se preocupa com ele também.

SEJA CLARO E DIRETO sobre o que você viu/sabe e sobre o que te preocupa.

NÃO IMPORTA O QUE ELA TENHA FEITO OU QUAL SEJA A JUSTIFICATIVA,

reforce que os atos de violência são responsabilidade dele. Sempre podemos escolher agir de outro modo, sem violência.

NÃO BRIGUE COM ELE

ou tente forçá-lo a fazer algo, isso pode piorar a situação para a mulher envolvida, que pode sofrer retribuições.

REFORCE QUE VIOLÊNCIA E CONTROLE

não tornam a família mais segura ou feliz, muito pelo contrário.

LEMBRE-O de que ele pode mudar.

Dicas de como conversar à respeito traduzidas e adaptadas com base nos materiais públicos produzidos pelo governo da província de Nova Escócia (Canadá), no contexto do combate à violência doméstica. Fonte: <http://bit.ly/38bsrDF>

Não sou um homem que comete ou cometeu violências contra mulheres.

Como posso apoiar a luta pelo fim da violência contra elas?

ESCUTE AS MULHERES QUANDO ELAS RELATAREM SITUAÇÕES DE ABUSO OU VIOLÊNCIA

É muito comum homens não acreditarem ou ignorarem relatos das mulheres, até mesmo quando são amigas próximas ou familiares. Por vezes isso gera ainda mais vergonha e humilhação na vítima.

ESCOLHA NÃO SE CALAR E OFERECER SUA VOZ EM APOIO

Quando ver uma situação de violência, não se omita. Pergunte à pessoa vitimizada como pode ajudar. O silêncio e a conivência são a proteção de quem comete o abuso.





PERGUNTE A MULHERES PRÓXIMAS SE ELAS JÁ PASSARAM POR SITUAÇÕES DE MACHISMO E ESCUTE SEUS RELATOS SEM INTERROMPER OU JULGAR

Experimente fazer isso ao longo do tempo, sem pressa, como um exercício de empatia. Dialogue com cerca de 10 mulheres, procure escutar também pessoas fora de seu círculo social. A experiência pode ser surpreendente.

FOQUE NA MAIORIA, NÃO NAS EXCEÇÕES

Sim, existem casos mentirosos e falsas alegações. Isso não deve ser invisibilizado. Mas a maioria das situações envolvem agressões cometidas por homens. E muitas mulheres ainda possuem muito medo de denunciar, por receio das consequências, de serem desacreditadas ou de sofrerem humilhações públicas. Por isso, parta do princípio que é mais provável ser verdade quando uma mulher relatar abusos.

COMPREENDA QUE QUALQUER HOMEM PODE COMETER VIOLÊNCIA, MESMO OS “BONS CARAS”

O perfil de um homem autor de violência é ser um homem comum. Isso está presente em todas as classes sociais, raças, idades e regiões do país. Os supostos “bons caras” do cotidiano também podem cometer agressões.

AJUDE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA A SE RESPONSABILIZAREM E SE TRANSFORMAREM EM ALIADOS

A agressão deve caminhar junto com a devida responsabilização e punição. Mas é importante que esse homem se conecte a um espaço que ajude em seu processo de mudança, para que não haja reincidência da agressão em relações futuras.

Quando souber de algum homem que cometeu violência, encaminhe a ele esse material, sugerindo que busque um grupo que possa frequentar para se engajar em um processo de responsabilização e mudança. Fizemos um mapeamento nacional nas páginas a seguir.

Em termos de linguagem, sugerimos usar “homem autor de violência”, como proposto pela metodologia do Instituto NOOS. Pois ao usar “homem agressor” ou apenas “agressor”, reduzimos a pessoa que cometeu uma agressão a essa dimensão única, a desumanizando.



**Superando a
hesitação em
ter essa
conversa difícil**



Compreendemos que esse é um terreno complicado e muitas vezes não nos sentimos aptos a ajudar. Às vezes o melhor pode ser buscar ajuda para que alguém mais capacitado tenha essa conversa. Entretanto, algumas das ponderações abaixo podem ser úteis para avaliar se vale ou não intervir, e de que modo.

PENSAMENTOS**QUE TE PREOCUPAM****PERSPECTIVAS****QUE PODEM AJUDAR**

→ "Não é da minha conta."

Violência é da nossa conta. Pode ser uma situação de vida ou morte.

→ "Posso piorar as coisas."

Iniciar a conversa dizendo que me preocupo com a segurança e bem estar das pessoas envolvidas pode ser um bom começo.

→ "Tenho medo de que a violência dele pode se voltar contra mim ou minha família."

Busque apoio profissional de um psicólogo / mediador de conflito / agente de segurança experiente no tema para ajudar planejar sua abordagem.

→ "Ela não quer sair da relação, por isso sempre volta pra ele."

Violência em relações é algo mais complexo do que parece, às vezes há relações de dependência profundas e motivos que desconhecemos para duas pessoas seguirem em uma relação adoecida, infelizmente.

→ "Mas os dois são meus amigos."

A saúde e integridade de um deles pode estar em perigo. Parar a violência será bom para ambos.

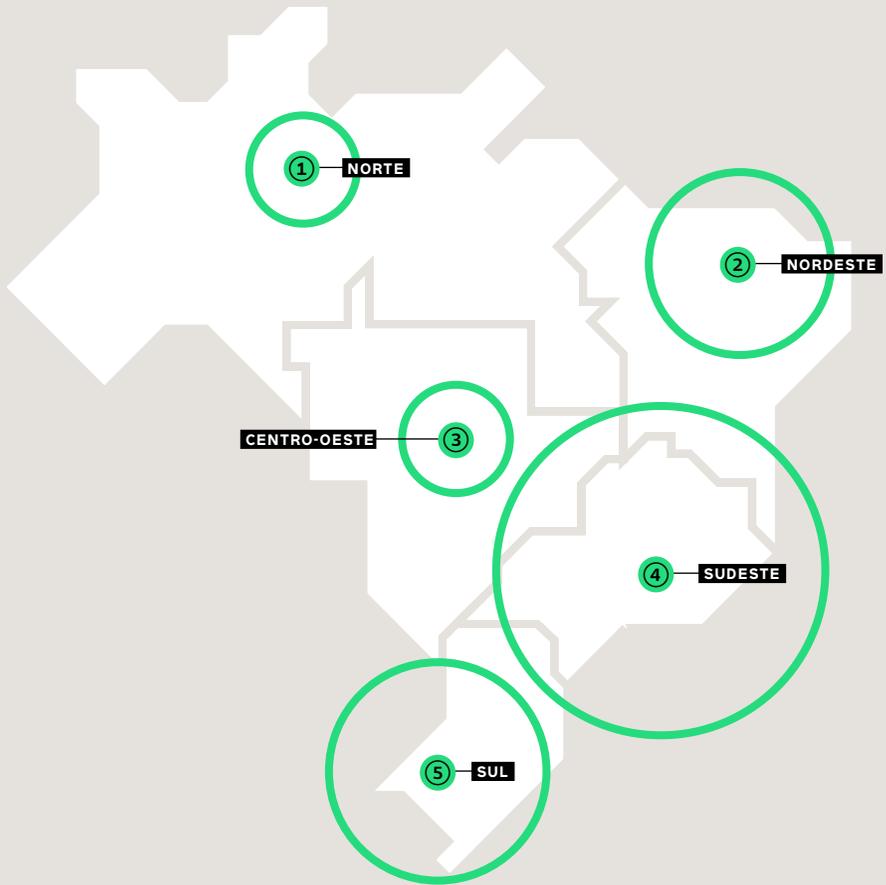
→ "Se ela quisesse ajuda, iria pedir."

Ela pode estar com muito medo ou muita vergonha de pedir ajuda.

→ "Não quero prejudicá-lo, ele é meu amigo."

A violência muitas vezes piora com o tempo. Se ele não mudar o comportamento, a situação pode ficar bem pior para ele e para ela.

Mapeamento nacional de grupos reflexivos





REGIÃO	LOCAL	NOME	DESDE	CONTATO/ENTIDADE
①	Rio Branco (AC)	Grupo Reflexivo Homens em Transformação	2018	Vara de Execução de Penas e Medidas Alternativas (VEPMA) da Comarca de Rio Branco
①	Santana (AP)	Projeto "Lacos" – Grupos reflexivos de homens	2013	Vara do Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher da Comarca de Santana
①	Belém (PA)	Grupos existenciais para conscientização de homens	2010	defensorianeah@gmail.com; Núcleo Especializado de Atendimento ao Homem Autor de Violência Doméstica e Familiar (NEAH) da Defensoria Pública do Pará
①	Belém (PA)	Grupos para homens autores de violência (Justiça Restaurativa) no Tribunal de justiça do Pará	2018	Varas de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da Comarca da Capital
①	Porto Velho (RO)	Projeto Abraço	2018	Núcleo Psicossocial dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher - Porto Velho
①	Manaus (AM)	SARE - SEJUS	2012	SARE - SEJUS -(92) 3215-2704
②	Natal, Parnamirim, São Gonçalo e Macaíba (RN)	Grupo reflexivo de homens: "Por uma atitude de paz"	2012	Promotora de Justiça Érica Canuto Ministério Público do Rio Grande do Norte - Núcleo de Apoio à mulher vítima de violência doméstica e familiar
②	Rio Grande do Norte	Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Norte - Grupos reflexivos	2019	Defensoria Pública do Estado / RN
②	São Luis (MA)	Grupo Reflexivo de Gênero	2009	Raimundo Ferreira 1ª Vara de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher de São Luis
②	Imperatriz (MA)	Grupo Reflexivo "Novo Olhar"	2018	Promotora Alline Matos Pires Ferreira Ministério Público do Maranhão
②	Açailândia (MA)	Grupo Reflexivo "Novo Olhar"	2018	Promotora Sandra Fagundes Garcia Ministério Público do Maranhão
②	Salvador (BA)	Homens em construção	2019	3ª Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher
②	Fortaleza (CE)	Grupo de Retificação Subjetiva do Agressor	2017	Juíza Ana Claudia Gomes de Melo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do curso de Psicologia da Unicatólica
②	Fortaleza (CE)	Núcleo de atendimento ao homem autor de violência contra a mulher de Fortaleza (NUAH)	2013	Vara de Penas Alternativas de Fortaleza

REGIÃO	LOCAL	NOME	DESDE	CONTATO/ENTIDADE
②	Campina Grande (PB)	Projeto Refletir	2018	Ministério Público de Paraíba ou CAO Cidadania
②	Picos (PI)	Reeducar: o Homem no Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher	2019	Ministério Público do Piauí – Liderado por Amparo Paz, coordenadora do Reeducar e promotora de justiça
③	Brasília (DF)	Grupo Reflexivo para Homens, no Tribunal de Justiça do DF e Territórios	2016	João Wesley Domingues njm.df@tjdft.jus.br Núcleo Judiciário da Mulher (NJM) no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)
③	Brasília (DF)	Núcleo de Atendimento à Família e Autores de Violência Doméstica - NAFVD	2012	Secretaria de Estado da Mulher (SEM) do DF
③	Anápolis, Ipameri, Aparecida de Goiânia, Águas Lindas, Goiânia (GO)	Prefeitura de Goiânia - Grupo reflexivo para homens	2015	José Geraldo Veloso Magalhães Secretaria Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres + Centro de Referência e Igualdade (CREI)
③	Mato Grosso	Formação em Grupos Reflexivos de Gênero	2017	Tribunal de Justiça
③	Cuiabá (MT)	Grupo “Lá em Casa quem Manda é o Respeito”	2011	Promotora Lindinalva Rodrigues e Jair Jair José Schuh (psicólogo) Ministério Público do Estado do Mato Grosso
③	Mato Grosso do Sul	Projeto Paralelas – Traçando novos caminhos	2017	Ministério público do Estado
④	Belo Horizonte / Minas Gerais	Instituto Albam - Programa Andros	1998	Leonardo Lima Leite albam@albam.org.br
④	Itabira (MG)	Prefeitura de Itabira - Itabira por Eles	2018	Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar de Itabira
④	Montes Claros (MG)	Grupos reflexivos – Ceapa Montes Claros	2018	roberto.simao@seguranca.mg.gov.br Central de Acompanhamento de Penas e Medidas Alternativas (Ceapa), da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp)
④	Guanhães (MG)	Grupo Reflexivo de Autores de Situação de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher	2015	Tribunal de Justiça de Minas Gerais - TJMG (31) 3306-3920 imprensa@tjmg.jus.br
④	ABC Paulista (SP)	E agora, José?	2014	Flávio Urra Facebook: https://pt-br.facebook.com/pg/grupodehomenseagorajose/posts/
④	ABC Paulista (SP)	Fórum de Gênero e Masculinidades do Grande ABC	2015	https://www.facebook.com/groups/forumgeneroemasculinidadesabcdmrrr/about/
④	São Paulo (SP)	Instituto NOOS – Cursos de capacitação de grupos reflexivos de gênero	retomada em 2020	secretaria@noos.org.br
④	São Paulo (SP)	Tempo de Despertar	2014	Promotora Gabriela Manssur (www.justicadesaia.com.br) e Sérgio Barbosa



REGIÃO	LOCAL	NOME	DESDE	CONTATO/ENTIDADE
④	Taboão da Serra (SP)	Tempo de Despertar	2014	Sueli Amoedo, coordenadora dos Direitos da Mulher de Taboão da Serra direitodamulher@taboaoadaserra.sp.gov.br
④	São Paulo (SP)	Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde	2006	Tales Furtado Mistura
④	São Paulo (SP)	Projeto Cá entre Nós	2016	Tribunal de Justiça de Butantã/ SP, Setor Técnico da Vara de Violência doméstica do Butantã, tel.3721-7036 email: ashimura@tjsp.jus.br (Alexandre)
④	Diadema (SP)	Projeto Homem Sim, Consciente Também	2014	Delegada Renata Lima de Andrade Cruppi Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de Diadema
④	Espírito Santo	SESP Espírito Santo – Homem que é homem	2015	comunicasespes@gmail.com Secretária da Segurança Pública e Defesa Social
④	Espírito Santo	Espaço Fala Homem	2013	Lorena Padilha lppereira@correio1.vitoria.es.gov.br Coordenação de Atendimento às Vítimas de Violência e Discriminação (Cavvid)
④	Presidente Prudente (SP)	Núcleo de Atenção ao Homem (NAH)	2018	Edson Marcelo Oliveira Silva
④	Nova Iguaçu (RJ)	Serviço de Educação e Responsabilização para Homens Autores de Violência (SERH)	2008	Fernando Acosta
④	Rio de Janeiro	Conversa entre homens	-	https://www.facebook.com/events/441636823105969/?active_tab=about
④	Nova Iguaçu (RJ)	Escola de Homens	2010	Presidente da Regional de Nova Iguaçu da AMAERJ, juiz Octavio Chagas, titular do Juizado da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da Comarca de Nova Iguaçu
④	São Gonçalo (RJ)	Grupo Reflexivo de Gênero	2002	Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
⑤	Blumenau (SC)	Centro de reabilitação para homens autores de violência	2001	CREAS/SC
⑤		PROJETO BASTA: Apucarana, Campo Mourão, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Guarapuava, Iratí, Jacarezinho, Londrina, Maringá, Paranaguá, Paranavai, Pitanga, Ponta Grossa, Toledo e Pontal do Paraná (PR)	2015	-
⑤	Ponta Grossa (PR)	Núcleo de Estudos da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher na Cidade de Ponta Grossa (Nevicom)	2012	Universidade Estadual de Ponta Grossa
⑤	São Leopoldo (RS)	Projeto Homem que é Homem Não Bate em Ninguém	2016	SAHAV – Serviço de Atendimento aos homens autores de violência Ponto Gênero ONG

REGIÃO	LOCAL	NOME	DESDE	CONTATO/ENTIDADE
⑤	Porto Alegre (RS)	Grupo reflexivo de gênero	2011	Juíza Madgéli Frantz Machado 1º Juizado da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da Comarca de Porto Alegre Tribunal de Justiça do RS
⑤		GRUPO REFLEXIVO DE GÊNERO: Caxias do Sul, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Dom Pedrito (RS)	-	Coordenados pelas Comarcas das respectivas cidades
⑤	Caxias do Sul (RS)	Projeto HORA - Homens: Orientação, Reflexão e Atendimento	2016	Juizado da Violência Doméstica de Caxias do Sul
⑤	Florianópolis (SC)	Projeto Ágora – parceria entre UFSC e TJSC	2016	TJSC/ UFSC
⑤	São José, Joinville e diversos municípios do Estado (SC)	Polícia Civil por Elas Grupos reflexivos na Polícia Civil de SC, para homens autores de violência	2017	Polícia Civil de Santa Catarina
⑤	Blumenau (SC)	Centro de reabilitação para homens agressores	2003	Centros de Referência de Assistência Social (Creas) de Blumenau, em parceria com a Prefeitura
⑤	Tubarão (SC)	Grupo Reflexivo de Gênero de Tubarão	2018	Núcleo de Incentivo à Autocomposição do Ministério Público de SC
⑤	Itajaí/ S	Central de Penas e medidas Alternativas - Grupos para agressores	-	Central de Penas e Medidas alternativas - Lais (cpmaitajai@sjc.sc.gov.br)



Aviso importante:

ESSA NÃO É UMA LISTA DEFINITIVA, ACREDITAMOS HAVER MAIS GRUPOS EM ATIVIDADE. HÁ GRUPOS QUE NÃO CONSEGUIMOS LOCALIZAR E OUTROS QUE PODEM TER SIDO DESATIVADOS APÓS A PUBLICAÇÃO DESSE DOCUMENTO, POIS MUITOS CARECEM DE FINANCIAMENTO E ESTRUTURA PARA SUA CONTINUIDADE

Essa é uma lista preciosa para quem deseja buscar iniciativas reflexivas pelo território nacional. O compilado, fruto de levantamentos feitos em novembro de 2019 pelo PapodeHomem / Instituto PdH em parceria com Adriano Beiras, professor do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e colaborador do Instituto NOOS, não é, entretanto, um mapeamento definitivo. Grupos existentes podem, eventualmente, não terem sido contemplados na listagem e grupos que foram listados podem, em algum momento a partir desta publicação, serem desativados.

Para homens que gostariam de participar de grupos sobre masculinidade, mas que não sejam focados em autores de violência, um caminho: no site do PapodeHomem há uma lista colaborativa e em constante atualização, com mais de 100 projetos. Há diversas iniciativas que valem ser acompanhadas, como Instituto Promundo, Instituto Papai, Projeto Memoh, entre outros.



Acesse a lista e um guia prático de como criar um grupo de homens (não focado em violência) em:

papodehomem.com.br/silencio

Como criar um grupo reflexivo com homens para conversar sobre violência contra as mulheres?

Os pesquisadores Adriano Beiras, Marcos Nascimento e Caio Incrocci consolidaram diretrizes e critérios para quem deseja estruturar um grupo com autores de violência no estudo [“Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil”](#).

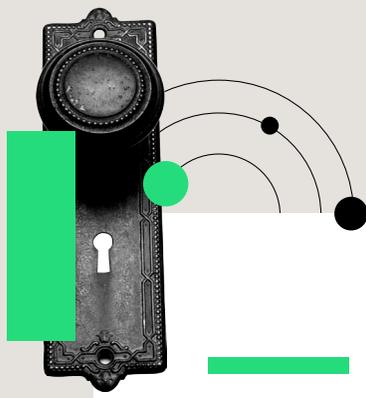
As recomendações mínimas giram em torno de quatro eixos:

- **abordagem teórica**
- **metodologia**
- **políticas públicas**
- **avaliação**

Elas começam na página 10 do artigo linkado logo abaixo. Vale a leitura!

O link para acessar o estudo completo está em:

papodehomem.com.br/sem-violencia



Aqui adiantamos, resumidamente, alguns dos critérios chave para atuar na área, conforme detalhado por Beiras, Nascimento e Incrocci:



USO DA PERSPECTIVA DE GÊNERO E DE TEORIAS FEMINISTAS CONTEMPORÂNEAS

com abordagem crítica e reflexiva, que contemplem direitos humanos, igualdade de gênero, interseccionalidades, diversidades e desconstrução do patriarcado, da homofobia e da transfobia são fundamentais para evitar naturalização, banalização e legitimação social das violências de gênero e problematizar como os diferentes marcadores da diferença contribuem para as desigualdades sociais;

ÊNFASE EM PROGRAMAS DE CARÁTER REFLEXIVO OU PSICOEDUCATIVO, e não terapêutico, para evitar uma perspectiva psicologizante ou patologizante da violência.

Em relação à metodologia:

- **número mínimo de encontros entre 12 e 15**, de modo a assegurar a qualidade reflexiva e o aprofundamento do trabalho realizado;
- **perspectiva multidisciplinar que contemple a complexidade da temática**, sem a reduzir a simplismos de causas e efeitos;
- **incentivo a metodologias de caráter reflexivo e crítico que possam produzir mudanças subjetivas**, culturais e sociais mais amplas, sem restringir-se a responsabilizações individualizantes;
- **centralidade em dinâmicas de responsabilização dos homens autores de violência**, com metodologias participativas e ativas, perguntas reflexivas, uso de atividades lúdicas, e ressignificações sobre a construção social de masculinidades.

Como afirmado por eles, “esses aportes podem colaborar para uma ação conjunta que favoreça o enfrentamento da violência contra as mulheres e meninas, fortalecendo a rede de combate e prevenção da violência, algo necessário para a construção de um mundo mais justo, democrático e solidário e para a resolução dessa problemática complexa que persiste em nossa sociedade”.

Às pessoas interessadas, não poderíamos recomendar mais a leitura do artigo completo. E caso busquem se capacitar, sugerimos as formações do [Instituto NOOS](#).

Links e sugestões de aprofundamento

Metodologia de grupos reflexivos do Instituto NOOS (versão atualizada em 2016):
http://noos.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Metodologia-Noos_PDF-final.pdf

EVA — Evidências sobre Violências e Alternativas para mulheres e meninas, produzido pelo Instituto Igarapé em 2019:
<https://eva.igarape.org.br/>

Instituto NOOS:
<http://noos.org.br/>

ISA.bot:
<https://www.isabot.org/>

Metodologia de grupos reflexivos do Instituto NOOS (versão 2004):
http://www.noos.org.br/userfiles/file/metodologia_port.pdf

A ISA.bot é uma ferramenta de acolhimento e informação para uma internet mais segura para as mulheres. Foi desenvolvida com o apoio do Facebook e Google, pelo Conexões que Salvam, da ONG Think Olga, e pelo Mapa do Acolhimento, do Nossas.org projetos que apoiam mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero na internet e fora dela.

Livro **“Homens e violência contra mulheres: pesquisas e intervenções no contexto brasileiro”**, por Adriano Beiras e Marcos Nascimento. **É vendido online pela editora do Instituto NOOS.**

“Sofri violência doméstica. E agora?”, guia produzido pela Revista Glamour:
<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/11/sofri-violencia-domestica-e-agora.html>

Dossiê Violência contra as mulheres, produzido pelo Instituto Patrícia Galvão em 2019:
<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-sexual/>

Artigo **“Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero”**, de Alvaro Ponce Antezana (2012), Revista Nova Perspectiva Sistêmica, 42.
<http://www.revistanps.com.br/nps/article/view/121>



Equipe envolvida no projeto

→ *Instituto Avon*

DANIELA GRELIN

Diretora Instituto Avon

MAFOANE ODARA

Gerente Instituto Avon

→ *PapodeHomem e Instituto PdH*

GUILHERME VALADARES

Diretor de pesquisa Instituto PdH

FELIPE RAMOS

Diretor de operações Instituto PdH

ADRIANO BEIRAS

Revisão técnica, com enfoque em gênero, violência e masculinidades

→ Design do livro em suas mãos por

ESTÚDIO NONO

www.estudionono.com.br

→ Vídeos por time

QUEBRANDO O TABU,

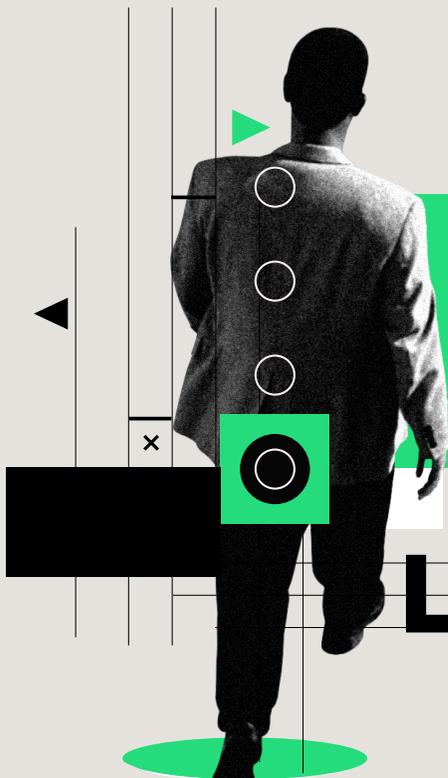
em parceira com PapodeHomem

Agradecimento especiais

Agradecimentos a **Flavio Urra, Sérgio Barbosa, Eurico de Marcos Jardim e José Adriano** pelas valiosas conversas e ensinamentos, com base em tantos anos de experiência trabalhando com homens autores de violência em grupos reflexivos.

Obrigado ao **Espaço Udjain** por nos abrir as portas mais uma vez, para a realização de nosso workshop.

Por fim, agradecemos a todas as mulheres que lutam por suas vidas e pelo fim da violência doméstica, intrafamiliar e sexual, incansavelmente. Que esse livro possa ser uma útil contribuição à causa.



COMO
CONVERSAR
COM

HOMENS

SOBRE
VIOLÊNCIA
CONTRA AS

MULHERES

A SEGUNDA PARTE
DA COLEÇÃO
"DERRUBANDO
MUROS E
CONSTRUINDO
PONTES"

UMA PRODUÇÃO

INSTITUTO
AVON

Papo de Homem
12 anos

INSTITUTO PDH